PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

EDIÇÃO Nº 3
ANO 1
JUNHO/2019

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Pixé chegou com o diabo no corpo! A literatura mais parece um pacto, uma espécie de contrato não escrito onde se convenciona que o leitor vai se submeter à ficção proposta pelo autor. Coisa do belzebu, do diabo, do capeta, do tinhoso, do sem-nome, ou ainda, do capiroto, arrenegado, coisa-ruim, como preferia Guimarães Rosa. O leitor, para participar do jogo da literatura, obriga-se a ler. Pode perguntar à vontade, mas o autor não está ao lado para responder. Dessa forma, a ficção é uma realidade pactuada, por mais insanas as criações literárias. O diabo concede conhecimento, entretenimento, faz rir e faz chorar, revela as artimanhas da criação real e irreal. Em troca, rouba o que de mais precioso tem o ser humano: tempo.

Para fazer esse pacto, ninguém precisa ir a uma encruzilhada ou procurar o Dito Cujo no rodamoinho. Basta passar na biblioteca ou acessar o site da Revista Pixé. Em troca do seu valioso tempo, oferecemos a você a nossa fantasia, a nossa emoção, as nossas mentiras mais sinceras. Não temos a intenção de testar a paciência do leitor com a mesma tenacidade com que Lúcifer fustigou o coitado de Jó, nem tampouco exigimos o sacrifício da sua lucidez como foi o caso do incauto músico Leverkühn, criado por Thomas Mann. Hoje em dia, para se entregar ao estranho mundo da literatura, não é preciso preencher com sangue o contrato AT 756B, basta um clique para encontrar tentações da literatura e muitas outras, menos nobres.

A arte de Gonçalo Arruda é o nosso combinado do mês com o leitor. Essas formas infernais, saídas do obscuro território psíquico do nosso artista homenageado nesta edição, já foram vistas em Hieronymus Bosch. Do que se trata a caricatura demoníaca? O que pretende expressar? Não coloquemos as artes plásticas num divã. Queremos apenas chamar atenção para a transformação do que era, até então, conhecido como anormalidade. Aberrações foram pintadas em hipérboles para inspirar terror, exatamente da mesma forma que a divindade foi expressada pela harmonia simétrica. É que, para pautar o comportamento social, era preciso forjar um padrão de normalidade. E hoje? O que dizer sobre o anormal?

O desafio do contemporâneo é a inclusão. As ciências sociais desvendaram muitas estratégias das narrativas excludentes, seja na arte, seja na política. Até o século XXI, o poder elegia, classificava, excluía e esmagava a divergência. Quem ficava de fora da estética do poder, era varrido do mapa. Isso mudou. E, se não mudou completamente, precisa mudar. É tempo de um novo pacto, portanto. No contrato contemporâneo, todos são considerados normais, há espaço para a divergência, a minoria não é esmagada. A arte de Gonçalo Arruda não retrata propriamente seres demoníacos, antes serve de espelho para as nossas próprias dificuldades. Não será resultado de uma sofisticada ironia o delicado equilíbrio do homem musculoso? Não serão os piores demônios as nossas vaidades, os nossos egoísmos, as nossas arrogâncias?

Vivemos um tempo de ampla consciência e, por isso, de duro questionamento. A Revista Pixé põe em xeque algumas convenções: as fronteiras esmaecidas, os regionalismos dissolvidos, as instituições literárias que caducaram. O tempo do agora, o espaço do aqui, a identidade por filiação são os novos demônios que muitos conservadores pretendem exorcizar. Podem tirar o cavalo da chuva. Não estamos dispostos a celebrar missas negras, mas podemos celebrar os negros na missa. Os negros, as mulheres, os gays, os periféricos, os anônimos e apagados em geral, os considerados pobres-diabos sem oportunidade. Então, vamos fazer um pacto?

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Aclyse Mattos
8 Adriano Espíndola dos Santos
10 André Siqueira
12 Caio Ribeiro
14 Danilo Fochessatto
16 Eduardo Mahon
18 Divanise Carbonieri
20 Edson Flávio
22 Guamá de Belém
24 Isaac Ramos
26 Klaus Henrique Santos
28 Janet Zimmermann
30 João Bosquo Cartola
32 Gonçalo Luiz Arruda
36 Matheus Guménin Barreto
38 Júlio Custódio
40 Lívia Bertges
42 Lorenzo Falcão
44 Luciene Carvalho
46 Marcos Blau
48 Marília Beatriz de Figueiredo Leite
50 Mário Cézar
52 Matheus Guménin Barreto
54 Pablo Rezende
56 Paulo Pitaluga
58 Rodrigo Meloni
60 Rubenio Marcelo
62 Stéfanie Sande
64 Lucinda Nogueira Persona
66 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Adriano Espíndola dos Santos, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Ribeiro Danilo Fochesatto, Divanise Carbonieri, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Guamá de Belém, Isaac Ramos, Janete Zimmermann, João Bosquo, Júlio Custódio, Klaus Henrique, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Persona, Marcos Blau, Marília Beatriz, Mário Cézar, Matheus Barreto, Pablo Rezende, Paulo Pitaluga, Rodrigo Meloni, Ruberio Marcelo, Stéfanie Sandê.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Gonçalo Arruda

FLOR DE METAL

Flor de metal
Flor de metal
Sobre os telhados da cidade
Cheiro de imagem
Gosto de som
Paisagem da ilusão

Biscoitos de luz
Num quarto escuro
Lua cinzenta da televisão
Quase ao alcance da mão

Luas fincadas
Em antenas metálicas
Sua carne branca
Defumando sobre as chaminés

Flor de metal
Flor de metal
Sobre os telhados da cidade

Aclyse Mattos
É escritor e poeta. Flor de metal foi escrita no Rio de Janeiro na época em que o Peça Original ensaiava na Ilha do Governador para tocar no Planetário e sobre a noite esfumaçada na Avenida Brasil a lua quicava sobre os prédios ao sabor das curvas. Livros recentes: O Sexofonista (contos), Sabiapoca (infantil) e Festa (poesia).

Adriano B. Espíndola Santos
Natural de Fortaleza, Ceará. Autor do livro Flor no caos, pela Desconcertos Editora, 2018. Advogado humanista. Mestre em Direito. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

O BENDITO FÊMUR DE SALETE

É curioso e complexo, aqui, destrinchar o perfil de Timóteo. Está no rol dos "bem-apessoados", da família tradicional brasileira. Assim se porta na tribuna, vigoroso e jeitoso, com roupas finas, passadas e engomadas. Pura desfaçatez de uma alma grotesca.

Mas eu, sua irmã, o conheço. O mau do poder é um dia ruir. Mamãe lembrava: "Seus tios Aderbaldo, Ildefonso, Donizete, Aderaldo, Dulcinete e Niete, um a um, foram engolidos pela empáfia e pelo poder. Plantaram e colherem, tintim por tintim".

Percebi que o caso estaria mais ligado ao gene ranhoso de nossa estirpe familiar. Perdi as contas de confusões e mortes em que nos metemos – nem sei quantos se salvaram. Ponho a mim na história porque pago as moléstias hereditárias; os reveses de outras vidas, sem fim.

No dia dezesseis, às 14h32min – gravei pelo relógio na parede –, sem mais nem menos, Timóteo me surgiu suado e afobado, balbuciando: "Arranja um lugar para esse pacote! E tem de ser aqui, logo!". Aqui, que ele se referia, era a casa de nossa santíssima mamãe, uma velhinha de noventa e dois anos, acamada, cuidada por mim; portanto, só eu e ela estávamos lá; apenas eu e ela recebíamos as visitas "fora de hora" de Timóteo e de outros – pouquíssimos – familiares. Ninguém, de fato, se importava conosco.

Quando ia perguntar, buscar alguma informação complementar, para entender o fim que daria, ou nos levaria, Timóteo foi largando, despretensiosamente, uma carteira no chão. Na verdade, um monte de papéis dentro de um porta-cartão, dos mais mixurucas, da 25 de março. Não perdi tempo, a curiosidade me matava; fui direto ao ponto. A carteira, como pensado de início, e agora comprovado, não era dele, era de um sujeito de nome esquisito: Perna-Seca. Não havia mais nenhuma identificação. Os papéis, amarrotados, estavam maldispostos. Arrumei o quebra-cabeça como se estivesse montando o mapa da mina. Desembaralhei, primeiro; depois, fui colocando cada um em seu devido lugar. Sim, era um mapa; um mapa de algum lugar que havia cruzado; não me era estranho. Subitamente, mamãe emitiu um grito gutural: "Lucinha, venha aqui, agora!". Poxa, parecia que previa, sempre; na pior ocasião, mamãe deu de embaralhar o meu juízo. Deixei-a chamar por um tempinho. Decerto não era nada. Coitada da velhinha, não podia urinar, cagar, o que fosse de necessidade fisiológica, sem a minha presença. Possuía bolsa de colostomia, tipo cloaca de galinha; nutrição parenteral, controlada; no momento, um fêmur quebrado; alguns pinos na perna direita; péssima audição; pouca demência, mas tinha; um olho são somente, com trinta e cinco por cento de visão, que iria, mais cedo ou mais tarde, degenerar-se; artrite e artrose; e uma porção de outros achaques da velhice.

Enquanto me entretinha em conseguir decifrar as maluquices de Timóteo – um ânimo à minha ordinária vida –, que a essa altura já devia estar na capital federal, com seus ofícios sinistros, escutei um barulho horroroso, como explosão de granada – imaginei, instintivamente, assim o ser –, ou metade do céu desabando. Corri em auxílio da mamãe, uma velha-vegetal que não podia fazer muito por si. Quando passei pela cozinha, me dei conta de que as aberrações desse mundo haviam tomado proporções abissais. A cozinha estava destroçada: poeiras, blocos de concretos, tijolos para todo lado; com um buraco imenso na parede e uma pá de retroescavadeira vislumbrada no horizonte. "Que horror! Meu Deus!", pensei diminuída. Foi aí que me dei conta de Timóteo. Liguei insistentemente para o seu celular: caixa-postal. Tentei, então, o seu gabinete, ao mesmo tempo em que olhava, ao longe, a retroescavadeira se aproximar, mais e mais. Outro estrondo. Antes de me afastar da cena do crime, por ímpeto nato de proteção, e pensando em mamãe, gritei escandalosamente: "Para, para! Pelo amor de Deus, meu senhor, nos deixe em paz!". O operador não escutou um piu, certamente; não se viam orelhas, só um enorme protetor auricular. Fitou-me e insinuou, faceiro: "Sem chances, madame!", com um leve sorrisinho de canto de boca. Senti calafrio e, confesso, tesão (para quem não via um homem, assim, há meses, qualquer olhar arrematar o meu desejo). Recompus-me, o instante exigia. Pensei no nível de crueldade de uma humanidade dilacerada. Se eram capazes de fazer isso a uma senhora e a uma velhinha, indefesas, não restava mais compaixão no mundo.

No momento em que a retroescavadeira pegava impulso para voltar, como um touro sedento por sangue humano, Timóteo me retornou pedindo para abrir o pacote. Disse que só seria possível se conseguisse pôr pequenas chamas de isqueiro ou de fósforo nas bordas superiores, cuidadosamente, para liberar o mecanismo de trava do pacote. Não deu outra, como já começava a conjeturar, uma ruma de dinheiro na minha frente. Gritei, pulei, querendo que a casa e o mundo se ferrassem. Nunca tinha visto tanto dinheiro em minha vida. Imaginei-me no Caribe, em Bahamas, etc. Timóteo concluiu a conversa calculando que construiriam, "num piscar de olhos", um caixa-forte em casa, para não descobrirem o arranjo. Falou que não pôde avisar antes, pediu desculpas; a Federal estava no seu encalço. Como sempre, um exímio homem de fuga. Frank Abagnale Jr. ficaria orgulhoso do pupilo.

Passada a euforia, fui contar à mamãe acerca do ocorrido, aproveitando o seu mirrado grau de consciência; poderia ser que melhorasse vendo a cor do dinheiro ou sentindo o derradeiro cheiro de dólar fresco, vivo. Ao adentrar em seus aposentos, no entanto, a constatação: havia, finalmente, batido as botas. Precisava de um empurrãozinho. Estava durinha na cama, praticamente igual ao pau do meu cunhado Ulisses. Não podia fazer mais nada. Também não queria perder mais tempo com algo que não teria jeito. É remar, remar contra a maré; enxugar gelo (Onde já se viu, nessa altura da vida?). Eu estava confinada e paciente, há tempos, já que a minha permanência ao lado de mamãe tinha um propósito específico: a herança certa, sem brigas; os meus irmãos me veriam como a filha merecedora, a única capaz de cuidar de mamãe; que renunciou a uma vida "normal", com marido e filhos etc., blá, blá, blá. Aguardava, dias contados, colar a porra do fêmur, para pegar meu rumo, se a velha não morresse antes. Marinete, de sobreaviso, viria me substituir – tudo programado, graças ao empenho de Ulisses.

Mantive a linha até onde pude. Guardei o nome da família por debaixo dos panos. para o jogo virar. Decretei: metade da bufunfa viva, apartamento em Paris, mais herança. Timóteo, inteligente, soltou o que me era devido, antecipado, com juros e correção. Agora, chapada e rica, vou fumar as cinzas de mamãe para comemorar. Ulisses foi na frente, para despistar; espera-me no meu , durão, para a orgia começar.

Extras – porque nada melhor do que comemorar os nossos próprios feitos, né?! –: para não deixar impressões errôneas a meu respeito, eliminarei os focos e possíveis rastros, um a um, tintim por tintim, inclusive o bobinho do Ulisses, como mamãe o fez, no seu tempo, e me ensinou. Somos todas cobrinhas criadas a pão de ló, venenos e tinos apuradíssimos, pouco usados, só em ocasiões especiais, estilo ou viúva-negra, como queira.

MÃOS TRÊMULAS NO APARTAMENTO 130

Posso me encarar de outra forma.
Saber que sumo quando quiser. Suculência de camada
penetra cara a cara no desvelo com
a dormideira. Tô túmida pra evaporar no
cerúleo algures, entrever
as parábolas, devoção
entrementes descasco a face.

Você andaluza não entende.
Saí como de costume pra caminhar, carola,
suei e penso: por que a varejeira da
alma me rotula? Ganas de me embalar
numa venda, mercearia provinciana.
Leves dores. Menstruada.

Tiraram aquela foto eu com a boca cheia,
salgados num corcel nos cerros, os
coruchéus, tá ouvindo espanhola? Palpitam
a aura de frescor assentado no
pirilampo da curva de mim. Na minha idade espuma
um riso de vaidade.

Visto a legging cafona. Meu tênis
esportivo. Passagens bíblicas. O alcantil
ameiga a missiva levada discreta pelos
firmamentos arregalando os olhos vendo
a galé consternada, soerguida.
A cotovia descrida adentra no horizonte
e sua azaléia retumba no lusco-fusco feral.
Dir-se-ia que...

Caminho, caminhada e da última vez você
não estava. Fui poupada de suas mentiras
desnudas ao pastor. Flacidez de tudo, amiga...
Ceramidas force a melhor coisa do episódio inscrito
nessas colunas gastas. Sabonete líquido.
Sou uma estranha com cacos de vidro no pé.
Um arroz grudento.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Já publicou poemas em várias antologias, revistas, jornais e sites de literatura. Publicou de forma independente dois livretos intitulados "Quase Ontem" e "As manhãs fechadas". Cursou a faculdade de Letras, porém sem concluir e atualmente faz Pedagogia, além de participar de eventos literários, oficinas de poesia e demais trabalhos.

ELA PENSAVA QUE A PESSOA É OBRIGADA A SER FELIZ

Me embriago de café nesta tarde
sem Madama Butterfly,
quem sabe um sumi-ê.
Não.
Uma epifania buliçosa pela
cozinha, indícios de salvação.
Não.

Já é hora (falta pouco) para o jantar
então pego alface, tomate. Despedaçá-los.
Eis que encaro:
escarlate do fruto ou de meu
retesado sangue?
Esclareço:
corte no médio canhoto.

Ensaiar a fusão do mato mais vulgar
com a sinfonia (compô-la) da
amada, estalactite que quer submergir
no espírito com raízes da
natura perdida da felicidade.

No banho abro o registro. Choque
no corte mas a vida não
acorda só dormita estranha
perdendo tempo absorta e inútil.

Me embriago de mim mesmo
alcaloide à deriva
de furor trespassado pelo café
amargo que adentra
- escureza que desce nesta
caverna domesticada dando à
luz tolerâncias pantanosas na
plateia de uma ópera naufragada
em meio ao pânico do nada
pode ser feito.

Somente suportar a ração que
passa debaixo da lucidez inflamada.

LEVE LOVE

Entregue antes que diga
siga antes que cegue

MICROPOEMA-MACROPOLITICA

estado mínimo
estrago máximo

COMILANÇA

comemoro o comer da memória
comemória o comer da história

REFLECFRAÇÃO

e se lembrar fosse esquecer?
e se tocar fosse nunca mais
mexer?

onde estaria você?

ARTIFÍCIO

tem arte dentro de toda parte
e por isso
todo partir é um início
e não um mártir.

Evite acidentes sem precedentes
evite ocidentes:
oriente-se.

Caio Augusto Ribeiro
É de Rondonópolis, cidade onde nasceu em 1996, mas reside em Cuiabá desde 2011. Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso participa ativamente do meio artístico. Ator, diretor e performer, Caiodesenvolveu diversos projetos artísticos, como o de roteirista de filme e diretor de livro.

TODO O PODER EMANA DO POVO

Procurando por uma sombra calma que atenuasse a autoridade desagradável do sol, conheci, para minha surpresa, um verdadeiro homem do povo: um fotógrafo. Conversamos um pouco, e, para tentar entender a louca estrutura do formigueiro humano, decidimos flanar pela cidade gastando nosso latim. Após algumas digressões biológicas e incursões gastronômicas entremeadas por cliques antropológicos, resolvemos terminar o passeio com um belo e revigorante trago. Estourando buquês engarrafados para florescer sorrisos, observei, na mesa ao lado, as ações de um homem das letras. Ele tentava, a todo custo, de modo construtivo, formar par com a mocinha cromossomicamente mais bem-feitinha daquela paróquia alcoólica. Notei, ainda, que o sujeito estava devidamente armado: disparava feito o Robin Hood dos versos; furtava lirismo dos ricos poetas brasileiros e, sem reservas, doava tudo ao seu pobre amor: a deusa na cadeira adjacente que embelezava o ambiente impregnado de feiura masculina.

Deu-se que, entre uns e outros desvios de rumo dos copos, meu cérebro resgatou deslembranças. Em específico, o Dia Mundial do Pulo: um *flash mob* que pretendia deslocar a terra da órbita atual mediante a mobilização de milhões de pessoas para pularem simultaneamente em data e hora avençadas. Submeti a temática ao escrutínio de meu acompanhante. Após razoável reflexão, o fotógrafo concluiu que a medida poderia ser mais bem aplicada. Para tal, toda a população, já cansada de ter dúvidas e de esperar as místicas trombetas do juízo final, deveria se mobilizar a fim de solucionar tamanho impasse histórico. Assim, nos moldes daquela intervenção, o planeta inteiro ergueria as mãos ao céu e, de coração aberto, clamaria pela aparição de alguma divindade legisladora. A intenção era tão clara quanto simples: coação mundial irresistível para provocar eventual criador a dar algum sinal, e, por conseguinte, acabar de uma vez por todas com o mistério que envolve o desaparecimento do poder constituinte originário. Batizamos o referido evento de Dia do Grande Desapontamento.

Danilo Fochesatto
Possui graduação em Tecnólogo em Processamento de Dados pelo Centro Universitário de Várzea Grande (2002) e Bacharelado em Direito pela Universidade de Cuiabá (2016), devidamente inscrito na OAB, seccional Mato Grosso. Tornou-se, em 2013, servidor da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e, a partir de 2015, passou a atuar no Escritório de Inovação Tecnológica - EIT. Atualmente é mestrando do PROFNIT - Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação.

Eduardo Mahon
Eduardo Mahon, 42, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Guiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Nessa hora
Em que todos dormem
Eu espreito a noite.
Tomo conta
Para que o escuro
Não seja infinito
Para que se dê atenção
Ao cometa bêbado
Para que as buzinas
Continuem desfazendo
O equívoco da solidão extrema

Nessa hora
De naufrágios
Eu sobrevivo
Porque não durmo

Dorme-se à tarde
Porque não há esperança
Porque não há pecado
Porque findo o almoço

Dorme-se à tarde
Porque não há música
Porque não há culpa
Porque faz muito calor

Dorme-se à tarde
Porque não há opção
Dorme-se à tarde
Porque não há poesia
Dorme-se à tarde
Porque não acontece a vida

Vivo nas dobras da noite
Enquanto bebem e brigam
Esquecem-se de mim

Ontem passaram
Muitos anjos caídos
Mas não me viram
Nem demônios, nem a lua
Nem os cães, nem a morte

Senti que estava vivo
Porque já ia amanhecer

Acorde, meu amor
Levantem-se, meninos
Ande logo, meu pai:
Vencemos a noite

O sol nos promete outro dia
Porque ninguém morre
Antes do café da manhã
Dos ovos mexidos
E do queijo de minas

É a hora do ônibus na rua
Da gente sonolenta na padaria
Da troca de guarda nos quartéis
Não há tempo para a dor

Os lençóis serão trocados
As calçadas, varridas
O lixo já foi levado com a noite
Os ladrões estão cansados
Os homicidas dormem bem
Porque a polícia cessou de persegui-los

Daqui a pouco, marcharemos
Bate-se o ponto
Responde-se à chamada
Troca-se o turno

É na manhã que se dá
A primeira contagem dos vivos

BAGAÇO

a mandíbula mastiga a grossa fibra
do filete da cana madura até o bagaço
cospe a massa seca na capa asfáltica
com olho baço de saudade fácil
macera o fumo picado sobre a folha
bagana pouca para tanto desassossego
eterno engasgo na glote estreita
que o extremo mourejar nesse ermo
não afugenta pelo campo afora
eito de tormentas colhidas a facão
o rango frio foi engolido rápido
que a lida ainda dura margeando
a noite serena riscada pela foice
ceifa de vida vindima de fenecimento

**** "Bagaço" foi um dos poemas vencedores do Off Flip 18/19*

Divanize Carbonieri
É doutora em letras e professora de literaturas de língua na Universidade Federal de Mato Grosso. É autora de Grande depósito de bugigangas (2018), selecionado no Edital de Fomento à Cultura de Cuiabá, e Entraves (2017), agraciado com o Prêmio Mato Grosso de Literatura. Foi finalista do Prêmio Off Flip 2018 (Poesia) e do 3o Concurso Lamparina Mágica (2016).

SUICÍDIO

Eu não esqueci cada palavra.
Não deixei de acreditar em nada.

Você e sua fiel escudeira sempre sozinhos.
Agora, só o meu desencanto.

E ainda é muito para quem o silencio é uma armadura
vestida com bravura
mas que lhe faz perder a guerra.

Eu, vagando na noite fria do abandono.

Você, estragando, minuto após minuto, a minha poesia.

Não me deu a palavra certa.
Não me ofereceu a rima necessária.

Um dia acreditei que você era real.
Um sonho desleal que sonhei só.

Corri corrida vã.

Quero de volta o meu verso, o meu soneto.
Afaste-se com seu coração de gelo
Vou para longe do seu poço de vontades.

Não ouso amaldiçoar-lhe.
Não ouso tirar você de mim.

Num estampido o fim.

Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) onde, atualmente, é docente e pesquisador na área de Literatura. Amante da poesia, escreve desde quando ganhou seu primeiro concurso, ainda na escola. Pretende publicar seu primeiro livro em 2019.

ENTREVISTA EXCLUSIVA! GUAMÁ DE BELÉM ROMPE O SILÊNCIO E FALA DE LITERATURA

Guamá de Belém

Não tem um registro biográfico seguro, já que suas biografias são divergentes. Nasceu como personagem, lançado no conto, no campo, no mundo ("Quando dei por mim, estava na estrada, jogado no trajeto que, nem tendo sido traçado, já era trilhado"). Ator, cantor, compositor, dramaturgo, palhaço, vagabundo, mora pelas estradas de Mato Grosso, pousando, ocasionalmente, em Cáceres, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Vila Bela da Santíssima Trindade ou Rondonópolis. São os pontos principais de estalagem, mas outros locais podem ser albergues para o artista errante. Por onde viaja, apresenta-se, em bares e outros estabelecimentos, como cantor, palhaço ou apresentador ("Dentro do estômago da economia, minha arte é minha valia"). Depois de muita insistência, ameaças, chantagens e uma irrecusável oferta financeira (o valor não será divulgado) Guamá de Belém concedeu uma entrevista para REVISTA PIXÉ. O retrato de Guamá que publicamos sem autorização foi encomendado à Franz Rohr de Souza Ferreira e feito às escondidas, durante a entrevista concedida em maio de 2019.

PIXÉ: POR QUE A NEGAÇÃO DE *INVIÁVEL ESPERANÇA*?

GUAMÁ: *Inviável esperança* é um livro muito imaturo, precipitado mesmo. Foi escrito em um momento de entusiasmo e publicado sem ter o devido merecimento (em termos de construção, de linguagem). Deveria ser muito mais trabalhado. Um livro que exigiria décadas de esforço de composição e retoque. Às vezes vem incerta vontade de retomá-lo, porém isso exigiria um domicílio estável, uma biblioteca, um tempo considerável...

PIXÉ: POR QUE O TÍTULO *CONFINS*?

GUAMÁ: Não porque o personagem-autor esteja atravessando "*confins*", como poderia parecer de imediato. E sim porque "todos os lugares são *confins*", como foi percebido por Shirlene Rohr de Souza e Marauá Rios e Ilhas, que assinam, respectivamente, a orelha e a quarta capa. E o próprio conto "*Confins*", que dá título ao livro, fornece as melhores respostas a essa pergunta, respostas polissêmicas, o que é ainda melhor.

PIXÉ: O NOME "GUAMÁ DE BELÉM" É VERDADEIRO?

GUAMÁ: Tão verdadeiro como as palavras. O nome completo é: Guamá Lira de Belém. Há uma música aí. Há uma mítica, pois o rio (Guamá) e a cidade (Belém) não são apenas aquilo que diz o conhecimento estabelecido: são forças de água e de terra, de árvore e de ar, de fogo e de mistério. Guamá é também um bairro de Belém: pois isso não é a fusão metonímica de tudo, do rio e da cidade, num complexo indefinível de formigueiro humano, de humano enigma? Quando perguntam por que a lira desapareceu do nome, a resposta é que minha lira fica guardada, recôndita, vibrando, de dentro para fora, a música em mim, a música em si.

PIXÉ: POR QUE VIVER NA ESTRADA? POR QUE ESSA OPÇÃO?

GUAMÁ: Viver na estrada não é uma opção, é uma condição. A estrada está em tudo. É a estrada que é. De repente o conforto do lar se viu perdido no meio da estrada, no caminho, na real linha da vida. Édipo em busca de explicação. Édipo depois da revelação. Édipo a caminho. Édipo em Colono. A leitura de Sófocles não mostra somente um destino; Édipo rei indica, ou pinta, multilinhas, o dever de vagar, a errática condição. A estrada é uma metáfora poderosa, mas além de metáfora a estrada é a realidade.

PIXÉ: E MATO GROSSO?

GUAMÁ: Mato Grosso é: floresta, cerrado, pantanal, zonas urbanas. Mato Grosso é sertão. Terras, pedras, águas que escorrem, calor, ar – correm os passos, seguem os cursos, transcorrem as vidas. O cenário está na superfície da Terra. Fotos, vídeos, entrevistas, desenhos, mapas, rascunhos de textos e planos para filmes: quem sabe não teremos mais arte? Teatro de palco aberto, mundo-palco. Nas andanças, nas danças dos encontros, possibilidades estéticas têm se revelado. Amauri Tangará, conversando sobre Dicke e sobre tiques artísticos e sobre truques técnicos, em termos cinematográficos, levantou alguns delírios. Perseu Azul criou um coletivo, chamando gente para um movimento. Muitos músicos têm irradiado notas e acordes, pelas noites, pelos bares, pelas praças. A arte não desiste. Outro dia, um sonho se deu, de déu em déu; e era um filme assombroso. Olha só. Quero ver as imagens que a Revista Pixé vai lançar, a partir destas palavras em grafite. Sabe essa coisa de pintar doidices em muros imaginários?

SETEMBRO DE IPÊS

E se o amor fosse como o Ypê?...
Se ele fosse queimado em pleno auge,
Se suas forças se esvaíssem,
Se seu sangue verde
Em brasa ficasse,
Se a sua raiz capengasse,
Ainda assim bombearia
Ao menos a seiva da paixão?

Há mais mistério na natureza do amor
Do que supõe uma fibra estoica
Do que se espera de uma vã filosofia.
No amor, se poda os brotos,
Ele não mais será o mesmo.
O que fazer da natureza do homem
Se não consegue passar em uma prova de fogo?

O homem é lâmina fria de julho.
Melhor seria se fosse setembro.
Mas, no meio desse esboço,
Há as queimadas de agosto.
Ele, então, fica insosso.
Inverna sem pensar na primavera.
Em face disso, é de dar gosto,
O florir dos ipês brancos,
Amarelos, rosas e roxos.
O homem, infeliz e coitado,
Machuca-se de amor
E não consegue curar suas feridas.

Caso fosse ipê, não lhe faltaria
Chuva, inspiração e energia.
Em vez de sangue, seu coração
(Quem sabe) bombearia
Seivas de luz e poesia.
E entre tantas flores
Suas dores sumiriam.
E como o ypê amarelo
De amor resplandeceria.
Não seria medroso,
Não seria teimoso,
Muito menos babaria de inveja.
Cairia em si e rejuvenesceria.
Pois, a cada queimada do seu ser,
Ressurgiria em fênix,
E amores e setembros
Não mais lhe faltariam.

PS: Entre tantas conexões, perco-me em poesia.

Isaac Ramos
Poeta e crítico literário. Nascido em Tabatinga-AM. Reside em Mato Grosso desde 1998. Graduado em Letras (UFMS), em Aquidauana-MS. Mestre e Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso há 22 anos. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT. Atualmente coordena a pesquisa "Signos e significados na poética engajada e religioso de D. Pedro Casaldáliga", com apoio da FAPEMAT. Publicou A metáfora do olhar: Alberto Caeiro e Manoel de Barros (2018) (crítica literária, em fase de lançamento); Teias e teares (2014), Festa de Letras (1997), Astro por rastro (1988), Reflexões (1984) (poemas). Membro da ALB (Academia de Letras do Brasil – seção Amazonas) e ABEPPA (Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-amazônicos), em Manaus-AM.

(A MANOEL DE BARROS)

Meu silêncio anda cheio de despropósito
Preciso ouvir o amanhecer
Para entender as grandezas do ínfimo
E ler O livro das ignorãças
Para compor Arranjos para assobio
E ter Poemas concebidos sem pecado.

No lugar onde estou,
Matéria de Poesia
Está escrita no Livro sobre Nada
Quero me vestir de lesma
Para desentocar o caramujo-flor
Encontrar Bernardo
Falando a língua dos passarinhos
Moro em um lugar de desencontros.

Já voei fora da asa
Agora quero ser árvore
Para fincar as raízes da poesia...
E pois!

ESSÊNCIA DA POESIA

O bar permanecia na penumbra, mas tudo mudou quando uma bela moça loira chegou. Estava sozinha; sentou-se em uma mesa próxima. Pediu um mojito.

Ela tinha um brilho especial, que prendia o meu olhar. Estava ao telefone com alguém, sorrindo. Quando desligou, pegou um guardanapo e anotou alguma coisa. Decidi me aproximar, mas não sem antes entornar o resto da cerveja e também pedir um mojito.

Perguntei se poderia me sentar. Ela assentiu. Assim que me acomodei na cadeira, propôs um brinde com os mojitos. Disse-me que aquela era a sua bebida preferida e menti dizendo que também era o drinque mais apreciado por mim. Não poderia dizer-lhe que enxugava dezenas de cervejas todos os dias, ultimamente. Se houvesse tempo, talvez ela descobrisse e ficasse, mas não acreditei realmente nisso.

A nossa conversa fluiu espontaneamente e falamos dos sentimentos humanos, pelo menos do que acreditávamos saber do alto de nossa inocência. Os garçons vinham repor os mojitos e me faziam sinais de aprovação. Não creio que ela tenha percebido, mas eles gesticulavam uns para os outros e apontavam para nossa mesa. Eram bons amigos e perceberam a minha felicidade na presença daquela menina. Talvez eles também sacassem as boas vibrações que ela emanava.

Vivian era maquiadora. Atendia personalidades influentes e trabalhava com manipulação de diversas energias, mas permanecia fiel às suas virtudes. Feito um anjo irradiando luz, não hesitava em amparar quem lhe pedisse ajuda, mesmo que não lhe demonstrassem isso com palavras.

Disse-lhe por fim que era escritor. Ela riu e aquilo me encantou. Educadamente, provocou-me para que recitasse alguma poesia de minha autoria. Infelizmente, meus escritos não são tão doces quanto você, respondi-lhe. Vivian ficou ruborizada, mas insistiu para que eu provasse ser de fato um escriba.

— Vamos lá, escriba — disse, olhando-me fixamente e sempre mantendo aquele sorriso angelical e excitante ao mesmo tempo.

Tirei o bloco de anotações e lhe apresentei os últimos contos. Apesar da decepção inicial com a minha letra ilegível, ela se mostrou maravilhada. Folheou até encontrar uma antiga anotação que falava sobre cerveja e descobriu ser aquela a minha grande paixão. Revelei que aquilo era um esboço que nunca terminara, mas talvez um dia o concluísse. Subitamente, Vivian tirou uma caneta da bolsa e começou a anotar, riscar palavras e suprimir frases inteiras. Para o meu espanto, arrancou aquelas folhas e passou a limpo a nova versão. Permiti que ela o fizesse. Havia plena confiança e isso não era fruto do sexto mojito. Aliás, desde o terceiro, comíamos a hortelã após a bebida ser sugada para nossas mentes.

As palavras que ela escrevia tornavam-se douradas feito o mais puro ouro. Tirei os óculos embaçados, mas aquele brilho ainda estava ali, cada vez mais intenso. Entregou-me para ler. No íntimo, senti uma pontada de dor, mas isso só me deixou mais ansioso. Deparei-me com a essência da poesia. Cada palavra lida decolava do papel e formava sua representação, que mudava de forma na medida em que tocava meus pensamentos e com eles interagia.

Quando terminei de ler, só havia os meus garranchos no papel. A indescritível experiência pela qual passara representou-me o êxtase do prazer e me levou ao nirvana. Vivi com aquela menina a essência da poesia.

Vivian já não estava na mesa. Olhei ao redor, procurando-a, mas não a encontrei. Era um anjo que passou para um drinque e se foi, concluí. Porém, na esperança de que um dia voltasse, comecei a rabiscar uma nova história para, quem sabe, poder lhe mostrar: "Às vezes, o meu surrado bloco de anotações é acariciado por mãos mágicas que fazem as palavras se tornarem-se luz".

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

Caí em erro
e acertei-me
em cheio.

Canto enquanto posso
Na beira do poço
Canto de roda

Um poema leve
Breve
Um floco de neve

Vejo que te vejo
com olhos
de todos os beijos.

Dia após dia
Noite após noite
Noite após pó do dia
Dia após pó da noite
Noites após pós do dia a dia
Dias após pós da estrela-guia

Era breu
Nem cantoria havia
Era falta de sopro
Era despoesia.

Olhos de gato:
Estrelas no escuro
sem lua do quarto.

A vida e seus opostos
postos em versos adversos.
Versos versus reversos.

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: "Asas de JIZ", Editora Life (2013) e "Pétalas Secretas", Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira"- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.

João Bosquo Cartola
Poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT, mora e trabalha em Cuiabá. Como jornalista atuou nos jornais O Estado de Mato Grosso, A Gazeta (Cuiabá), em 2001 editou o semanário A Notícia (de Cáceres); presidente do Sindicato dos Jornalistas (1995-1998) e desde 2002 trabalha como assessor de imprensa, até janeiro de 2015, como repórter da Secom/MT, entre 2015 e 2017 volta à redação como repórter do *DC Ilustrado*, caderno de cultura do jornal Diário de Cuiabá, atualmente trabalha como freelancer. Morou em Curitiba, onde publicou o livro *Abaixo-Assinado* (1977) em parceria com L. E. Fachin. Em Cuiabá novamente, os livros *Sinais Antigos* (1981), *Outros Poemas* (1984), *Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol* (2006) e *Imitações de Soneto* (2015). Participou das antologias *Abertura* (1976), *Panorama da Atual Poesia Cuiabana* (1986), *A Nova Poesia de Mato Grosso* (1986) e *Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas* (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo *NAMARRA* (1984/86) e coordenou o projeto *POETAS VIVOS* (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

EM MEMÓRIA DO POETA DESENCARNADO

Existe, repara, uma hora dentro de um minuto e um segundo às vezes é maior que o domingo...

Saio de casa, vou à feira e caminho até descansar sentado num banco de uma praça perdida num país que nunca cheguei a conhecer, mas que mora no centro de meu coração na América do Sul

Uma hora, no meio de um minuto, o poeta pensa: A vida é lembranças - boas ou más lembranças e não importa que a gente insista em querer guardar na memória -, mas elas se perdem...

Um milésimo de segundo é maior que tudo, maior que um século de tempo contado em horas quando a pessoa cabe dentro desse milésimo, mas é menor que a constatação do bóson de Higgs.

O DIA QUE MANUEL BANDEIRA NÃO VISITOU CUIABÁ

O dia que Manuel Bandeira não visitou Cuiabá...

Nesse dia corria pelas ruas, jogando bola, os craques Almiro e Careca Banana e Lombriga Beto e Xevrolé Pelado e Nhonhô...

Os dois primeiros perto do Campo D'Ourique os demais na Avenida Dom Bosco, Joaquim Murtinho, Treze de Junho e naquele campinho que iria sumir com o bairro Morada do Sol

Nesse dia que Manuel Bandeira não desembarcou em Cuiabá o campo de aviação não era em Várzea Grande, os bebedores nos bares sonhavam com a Cia Cervejaria Cuiabana pois a cerveja era pouca pra tanta sede no calor do entardecer

Os cuiabanos versos de Manuel Bandeira seriam decerto diversos dos de Silva Freire ou dos modernos poemas em cubos de gelo Dias-Pino e não sobreviveriam a uma noite serenata pra amada namorada na madrugada do dia que Manuel Bandeira não visitou Cuiabá.

QUANDO O SOL GRITA BOM DIA

Quando o sol, ao amanhecer, grita: Bom dia O dia amanhece em todas as partes da manhã e começa a procura pelo café preto, leite bom, pão com manteiga e conversa fiada tecelã...

O dia bom, não importa se tem sol ou chuva, é pra viver a lavoura, o grão germinar na terra e frutificar, com doces alegorias, nosso coração que sonda pelas retinas arco-íris de longe serras

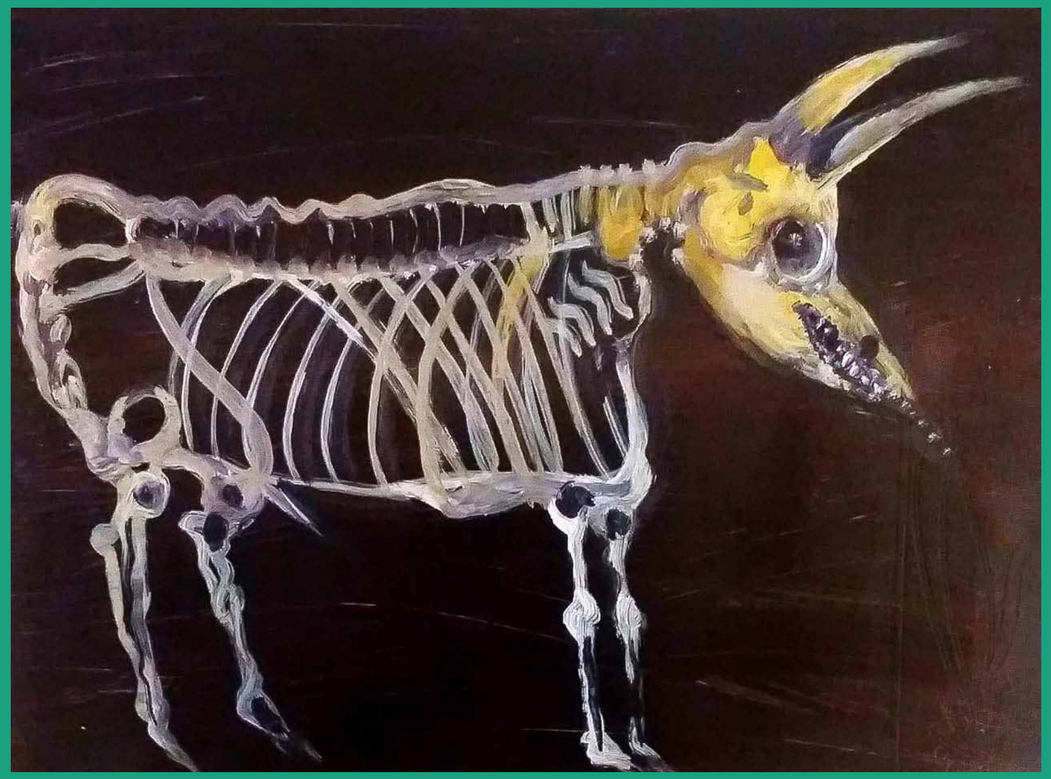
O dia, o meu dia, começa nesta velha Cuiabá de traçado estranho, a me levar por entre becos do Córrego da Prainha, Ribeirão, Cacimba...

Cuiabá tem muitos rios e dias bons pra meditar Quando a vida começa é quando o sol dispara do Oriente seus raios de luz e ela se faz mãe terna.

BIOGRAFIA

Gonçalo Luiz de Arruda

Nasceu em Barão de Melgaço, teve sua iniciação artística em casa aos dezesseis anos, quando nos ido de 1984, em Cuiabá, conhece o já promissor projeto Ateliê livre da então Fundação Cultural de Mato Grosso no qual "aprendeu e viveu" arte em meio a artistas nacionalmente consagrados, Deste modo, Gonçalo já representa fruto da terceira geração de artistas mato-grossenses para situar a arte centroestina no país. "Em 1990 eu comecei a ter uma nova visão da arte era uma necessidade de gritar e protesta e percebi que a arte não era só uma de coração, me deixei influenciar por grande mestre das arte mundial como Hieronymus Bosch, Bruegel , Francis Bacon e Marcelo Grassmann, sempre tive necessidade de abrir a boca e mostra os dentes , por causa da minha timidez foi a forma que encontrei em expressar nas arte" e adotou como nome artístico Gonçalo Arruda.



EXPOSIÇÕES:

IX Salão Jovem Arte Mato-Grossense – 1985.
X Salão Jovem Arte Mato-Grossense – 1986.
XI Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1990.
XII Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1991.
XIII Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1993.
XIV Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1994.
XV Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1995.
XVI Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1997.
XVII Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1998.
XVIII Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1999.
Cenário Manoel de Barros – 2017/2018.
Percurso – Magia Propiciatória – 2014 /UFMT.

PRÊMIOS

IX Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1985.
X Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1986.
XII Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1991
XI Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1990
XIII Salão Jovem Arte Mato-Grossense–1993. (Vencedor do Grande Prêmio).
XIV Salão Jovem Arte Mato-Grossense – 1994. (Vencedor do Grande Prêmio).
XVIII Salão Jovem Arte Mato-Grossense-19999. (Vencedor do Grande Prêmio).

O CÉU E O INFERNO DE GONÇALO ARRUDA

Matheus Guménin Barreto
(1992-) é poeta e tradutor mato-grossense. É autor dos livros de poemas *A máquina de carregar nadas* (7Letras, 2017) e *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (Carlini & Caniato, 2018). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg (Alemanha). Encontram-se poemas seus no Brasil, na Espanha e em Portugal (Revista Cult, Escamandro, plaquete "Vozes, Versos", Mallarmargens, Palavra Comum e Diário de Cuiabá; entre outros), e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

As obras do pintor e desenhista mato-grossense Gonçalo Arruda abraçam os textos da edição de junho da Revista Pixé (nº 3) – ou melhor, *assombram* os textos da edição de julho; perseguem e assombram como só o fazem as obras de arte significativas. Pois bem, repito: perseguir e assombrar (através do belo ou do grotesco, através do tradicional ou do insurgente), eis o que fazem as obras de arte que contam. Assim, seria possível dizer que a geometria solar de Sophia de Mello Breyner Andresen persegue e assombra tanto quanto o grotesco noturno de Hilda Hilst, que a força translúcida de Lygia Fagundes Telles persegue e assombra tanto quanto a força escrevivente de Conceição Evaristo, que a manhã de Arvo Pärt persegue e assombra tanto quanto a noite de Alban Berg, que as cores quentes de Tarsila do Amaral perseguem e assombram tanto quanto as cores frias Ismael Nery – a lista seguiria indefinidamente.

No entanto, lendo as linhas acima fica óbvio ao leitor mais atento da Pixé que a simplificação maniqueísta que fiz em relação às obras desses grandes artistas não diz de modo algum respeito à complexidade e às nuances de seus trabalhos. É verdade que tais artistas são de modo geral lembrados pelas características que mencionei acima, mas na produção de cada um deles é possível encontrar exatamente o oposto do que descrevi, o contraponto que justamente enriquece e torna mais interessante o trabalho dos mesmos.

Também Gonçalo Arruda é reconhecido a partir de um só movimento de sua obra extensa: o movimento das paisagens claras, das figuras que festejam em conjunto, das pescarias sob a luz da manhã – tudo com pinceladas que trazem à mente uma Tarsila do Amaral da década de 20. São uma grande (e bela) faceta de seu trabalho, mas há muito mais a se explorar em Gonçalo Arruda. E é precisamente essa faceta oposta, sombria, a que persegue e assombra os textos desta Pixé.

No caso da obra de Gonçalo Arruda essa cisão entre o solar e o noturno, o simples e o grotesco, é uma cisão excepcionalmente brusca. Quem conhece apenas suas paisagens matinais, suas festas de santo, suas cenas domésticas ou suas figuras dedicadas ao trabalho cotidiano não intui absolutamente nada de todo um microcosmo infernal, insólito, quase boschiano de Arruda. Eis, enfim, o céu e o inferno do artista – dependentes ambos um do outro. Afinal, o céu é sempre mais céu quando oposto a um inferno. O inferno é sempre mais inferno quando oposto a um céu. Assim, conhecer um lado da produção de Gonçalo Arruda significa necessariamente entender melhor o lado oposto, reconhecer o antes conhecido: voltar às paisagens matinais e às festas de santo depois de ir às noites de Valpúrgis de suas figuras animalescas é chegar a outras paisagens matinais e festas de santo. Outras e melhores.

Hilda Hilst afirma o seguinte em entrevista de 1990, quando do lançamento de seu livro O caderno rosa de Lori Lamby: "[...] de uma certa forma, se você for consideravelmente repugnante você faz com que o outro comece a querer a nostalgia da santidade".

Creio que o oposto seja também válido: que sendo consideravelmente santo se acorda no outro a nostalgia da repugnância. Uma ponta necessariamente leva à outra na tentativa de apreensão mais frutífera de qualquer fenômeno, de qualquer artista.

Que bom, então, que estas madrugadas boschianas e perturbadoras de Gonçalo Arruda persigam e assombrem os textos da Pixé. Quando ao final da leitura retomarmos as suas manhãs à beira do rio, elas serão já outras e melhores manhãs à beira do rio. Mais claras, talvez.

E, depois delas, também outras serão já as madrugadas. Melhores.

MAIS UMA PLANTA MORRE NA JANELA

passou a hora da urgência, jovem
já está quase tudo pronto, indústrias, macacos
a vontade de oferecer outra coisa
pinturas, florestas, muita carne
velas acesas pois alguém talvez decidiu errado
engraçado onde a intuição te leva até ficar tenso
te levanta a mão mas não acontece nada
na verdade tudo parece parado
nem dá pra ver a coisa que cresce
você distingue os gritos de ontem
dos de antes de ontem
ouve algo amassando do outro lado da porta
- toda hora te bate um desperdício diferente –
te vejo tentar algo mais afiado
alcançar uma chave que seja
semana passada morreu uma babosa
hoje cedo apodreceu outro cacto
sinto desconforto na claridade da padaria
pessoas me olham como se soubessem de onde eu vim

ME DÊ DO CÉU O QUE SEI QUE NÃO EXISTE

já de início eu tentei o sossego
como um tronco lento sem alma
o último espírito livre com medo
de você nos dedos da meninada
que admirem o cheiro da sua terra
que admirem e aceitem a soltura que virá
a energia pronta na tomada
tragam os aplausos para a nova presa
a árvore no quintal que hoje some
os chiados mais selvagens
que admirem o seu jeito de matar a fome
a presença cheia de incompletude
sem suor, natureza, finitude ou nome
num dia escondido da semana
entre fantasmas que emergirão
das tumbas de neblina sob a mesa

Júlio Custódio
Filósofo da Linguagem e da Lógica (atualmente com PhD em curso), tendo atuado como professor de Filosofia na UFMT. Também é músico, compositor, arranjador e produtor musical; trabalhou com vários artistas entre eles Vanguart e Caio Mattoso, além de trabalhos solos. O livro de poesias Você derrubou coisas pelo caminho é sua primeira publicação literária.

VERBAL

Poderia ser uma ferida simples
um corte menos dolorido,
um rasgo em madeira de sustentação
ou uma válvula de suspensão que lembra,
a cada rompimento,
sua resistência.

Corte: avermelhado inchado
sem contato com ar – impercetível.
Insiste em calar o descontente,
Insiste em ser ferida arrombada,
afere com diligência o comando.

Poderia ser uma camada simples
um pouco menos dolorida,
um prego em madeira de sustentação
ou um desejo de suspensão que lembra,
a cada queda,
sua existência.

Na travessia alimentar do prazer,
o incomodo impera,
testemunha gengiva, dentes.

Poderia ser um corte simples
um golpe menos dolorido,
um parto como madeira de sustentação
ou uma rota em suspensão que lembra,
a cada secreção, sua essência.

E rege,
impele a mordaça,
acalma, reabre em delicados movimentos.
Da boca ao freio:
o imperativo da palavra é refeito.

Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora – MG) é doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.

LORDE BOSTA

quando faço novidade
vem de dentro
meus olhos flagram
e é centro
da minhatenção.

meu verbo é fálico
falo e falho
às vezes apático
noutras não
nada a dizer.

busco o novo
palavras e olhares
meus dos outros sorvo
olho mudo seco
leio escrevo.

nada digo
que vem de fora
e adentro meu umbigo
reviro e viro
o que sou.

o que ainda serei
mais pra frente
lorde bosta ou rei
talvez quem sabe
um dia.

faço parte de gentes
que nada fazem
além de presentes
como inutilidades
práticas e pratico.

AUTOBIOGRÁFICO

eu tenho uma raiva
que nem sempre sei do que é.
e tenho aquele carinho todo
e tolo também.

eu sou assim
é a resposta que'ncontro
diante de indagações
que me são intimadas.

humanizado
entre fracasso e sucesso
não passo sem sexo
e otras cositas más.

e tem mais um pouco:
tudo aquilo que penso
e surge como palavra escrita
autobiográfico era pra ser.

até hoje,
até amanhã
e até que me provem
o contrário

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

Luciene Carvalho
Escritora, poetisa e membro da Academia Mato-Grossense de Letras

PRETA ACORDADA

E eu te digo
Eu te digo
Eu te digo:
Seja tanto meu amante
Quanto meu amigo.
Faz-se urgente
Que a fortaleza
Se levante
E nos proteja dos danos
Do cotidiano,
Da ferrugem nefasta
Que corrói e afasta.
E eu te digo
Eu te digo:
Seja ternura
Mais que sócio,
Pois quando o amar
Vira negócio,
Perde-se o ócio
- território essencial-
Onde, então, armar
Correntezas de desejo?
Prevejo temporal...
Menos importa
Buscar a roupa no varal,
Que o banho de chuva
E eu te digo:
Seja menos difusor
E mais abrigo,
Porque é preciso
O riso cúmplice
Mais que a sopa na panela.
Aquela música do Brow
Já dá a letra:
Dá trabalho
Ser amado de uma preta,
Sabe 'cumé'
Café
Massagem no pé...
Digo:
Preta acordada,
É luz e perigo.
Pra valer a pena
Seguir lado a lado,
Há que se ter boa cena
E olhar apaixonado,
Dedo desenhando a boca
Língua penetrando o umbigo.
Com o passar dos anos,
Amar não é coisa pra humanos.
Amor é sadomasoquismo
Priapismo
Noite seca
Sigo, não sigo,
Tempo e lugar onde sempre se peca;
Alguém tem que ser sede,
Alguém tem que ser caneca

Marcos Blau
Nascido em Sinop - MT. 24 anos, estuda Direito (UNIC), toca guitarra na Banda Distrito 835, está escrevendo seu primeiro livro e tem um blog: https://sapientiaaboveblog.wordpress.com/

O DEMAGOGO

6:00 em ponto. O despertador toca anunciando o início de mais um dia cheio de bravatas e mentiras. "Maldito seja!" pensa o Demagogo, "O sol nem nasceu e tenho de me levantar. Merda!" Até agora nada anormal, pois está para surgir alguém que goste do horário de verão. Sai da cama, caminha, tropeça em seu sapato, xinga. Vai para o banheiro, e o primeiro êxtase do dia ocorre: o esvaziamento da bexiga cheia, acompanhado de um necessário "AHH!!!". Lava as mãos, escova os dentes, faz a barba. Está limpo. O café da manhã é completo: pão, ovo, café e banana. Só assim para aguentar a rotina cansativa que possui. Em seguida se dirige ao trabalho. Tranca a porta de casa, liga o carro, dá a ré, dirige o carro.

Chegando ao portão da emissora arruma o cabelo no retrovisor, como de costume, e, logo em seguida, abaixa o vidro do automóvel para conversar com seu Zé, o guarda da empresa. O aperto de mão do Demagogo sempre é firme, para mostrar respeito, e o olhar, fixo no rosto do indivíduo com quem fala, busca transparecer interesse, mesmo que esse seja falso.

Apesar de acordar cedo, o trabalho pelo qual é conhecido na cidade só começa às 11 horas. Até lá, utiliza as redes sociais para interagir com seus fãs, opositores e, também, ler matérias de cunho sensacionalista que foram divulgadas em sua região nas últimas horas. Embora não perceba ele faz isso para manter sua originalidade intacta.

Já próximo ao horário de início de seu trabalho de fato, seu assessor chega com as matérias do dia e também com os personagens, obviamente caricatos, que irão aparecer ao vivo no programa.

– Só o Pastor Divino? Coloca mais uma senhora pedindo comida ou algo do gênero. Você sabe que a audiência vai lá em cima com esse tipo de coisa.

– É que... hoje não veio nenhuma senhora Demagogo...

– Puta que pariu. Não veio ou você não foi buscar? Arranja uma logo porra.

– Tá, ok. Mas me dá uns 10 reais pra gasolina até o local.

– Toma. E agora vai lá.

Logo em seguida chega o Pastor Divino, visivelmente animado com a idealização de novas fraudes. Este sim é um verdadeiro empreendedor tupiniquim.

– E aí Demagogo, beleza? Venho bolando umas ideias interessantes, especialmente para o show de hoje.

– Sério? Fala aí, agora estou intrigado.

– Então, conversei com um amigo meu que trabalha lá no Hospital, e ele conseguiu falsificar um atestado. E não é qualquer atestado: é de AIDS, enfatizou o empreendedor da fé.

– Sim, mas...

– Calma, Calma. Explico: lembra que você estava querendo algo bem sensacionalista e mentiroso?

– Sim.

– Então, esse atestado tá no meu nome, mas eu não tenho AIDS. Só que apenas nós iremos ter conhecimento disso. Nesse momento vai entrar o todo poderoso e seu imenso poder de curar as enfermidades que nem a ciência cura e, assim, basicamente serei um milagre em pessoa!

– Porra Divino, nessa tu se superou. Mas daí o que acontece com quem tá com AIDS, de fato, e acha que pode se curar também?

– Ué, eles que venham pro meu sermão com cartão de crédito com saldo e sem problemas no Serasa que, aí sim, discutiremos a possibilidade, veja bem, de Deus, não eu, estender o milagre para eles também! Isso tudo sem nenhuma burocracia.

– Você é um baita dum filho da puta mesmo...

– Só as vezes!

Os dois colegas de trambiques riram solenemente enquanto os demais funcionários trabalhavam.

Com o início do programa, a primeira matéria foi simplesmente perfeita: menor infrator, terceira passagem por posse de drogas, sujeito conhecido pelas autoridades. Nesse momento ocorre o truque do Demagogo. Ao hipnotizar seus telespectadores, leva-os ao êxtase da irracionalidade com sua retórica vazia de argumentos e cheia de falácias, porém, sabiamente fundamentada no senso comum. Em relação ao menor infrator mencionado anteriormente, seu nome pouco importa pois, no final, tudo chegará há um denominador comum: polícia, cadeia, trabalho, família e igreja. Os 5 fatores usualmente descritos para recuperar a alma em casos como este.

Prosseguindo a função de fornecer informações tendenciosas sem nenhum escrúpulo, o Demagogo recebeu o telefonema de seu padrinho político, o prefeito Egos Maximus. O político disse que iria visitá-lo, e gostaria de falar à população por meio de seu programa, que é ao vivo. Na realidade, o programa não é dele, do Demagogo, mas sim financiado pela emissora cujo dono é primo do prefeito Egos. Por via das dúvidas, contudo, fingiremos que tudo isso é mero acaso e o editorial da empresa de comunicação nada tem a ver com as maquinações do político em questão.

Trinta minutos após a ligação o prefeito chegou.

– Opa, e aí Demagogo, tudo bem? Como vão as coisas? Fiquei sabendo que o seu filho Felipe voltou a cheirar.

– Pois é, o Filipinho não toma jeito. Já tentei de tudo, até mesmo falar com o Pastor Divino. Nada resolve. Mas, enfim, o que te traz aqui com essa pressa? Fala rápido porque só temos mais dois minutos de intervalo.

– Tudo bem. Tudo bem. Assim, tu sabe a minha situação com a oposição nessa cidade, certo? Vivem divulgando mentiras sobre mim e minha família, aí tenho que usar o que está ao meu alcance para desmenti-los.

– Sei. Os caras não tem pena nem mesmo de um cidadão de bem como o senhor. Mas o que eles falaram desta vez? É sobre o postinho superfaturado ou sobre o problema daquele maldito aeroporto, que nunca está pronto?

– Esquece esse postinho Demagogo, é sobre o aeroporto mesmo, graças aquele vereador que não me respeita. Hoje em dia é tudo assim, um bando de mal-educado, e a juventude perdida no mundo da fornicação e das drogas... opa, desculpa, o Felipinho vai sair dessa, vai sim, tenha fé.

– Ah, isso eu tenho, e muito! Acho que hoje vai dar pra disponibilizar um bloco inteiro do programa só pra você. Satisfeito?

– E como estou! Obrigado Demagogo, sabia que poderia contar com você. Qualquer coisa que tu precisar, só me dá um toque.

– Ok. Sem problemas.

Após a aparição do Exmo. Sr. Prefeito Egos Maximus, o programa encaminhou-se para o término, mas não sem antes ocorrer uma sessão de puxa-saquismo em seu estado mais bruto, aquele típico estado que chega a causar vergonha alheia aos demais presentes. É o momento que ocorre o envio de abraços a todos os telespectadores e também aos empresários que sustentam o caixa do programa, dentre outras coisas, já não tão republicanas.

Ao sair da emissora, o Demagogo conversa mais um pouco com o seu Zé combinando a pelada do fim de semana, que intencionalmente não irá comparecer, e se despede com um caloroso aperto de mão para fingir se importar com o pobre senhor. "É tão bom chegar ao fim de mais um dia de trabalho", reflete em seu carro, regozijando com a sensação de dever cumprido. Como ápice do programa elege a intervenção do Pastor Divino, quando ele clamou por perdão e logo em seguida iniciou um Pai Nosso ao vivo. "Memorável, simplesmente memorável!", pensa o Demagogo. Assim se encerra, às 14:00, mais um dia cheio de bravatas e mentiras na vida do Demagogo, pois tudo a partir desse horário até o toque do despertador anunciando um novo dia é insignificante.

Maior que eu
É o espaço
É cabe a dor por inteiro
Mas não me cabe.
O espaço maior que o som
Atravessa com abstratos e absurdos
passos humanos o próprio espaço.
O espaço é maior que o projeto
E não pode contê-lo,
No espaço de agora há outro espaço.

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

INFINITO ANTERIOR (1987)

telhado
gato no
A
noite
ce
tece
nuvens.
Nas

AMOR (1987)

Há beleza
Em canto nesse
BRANCO
que se dissolve
Em nós
esfriando
rimando
Em nós

ENCONTRO (1988)

Marca comigo
uma hora
qualquer dia
agenteseencontra
numa esquina
fala da vida
a n d a, a n d a, a n d a
e
cai
na cama
se ama
depois, depois, depois,
bem depois...
se manda.

OUTRO ENCONTRO (1985)

Um aperto de mão
Um abraço
Um beijo

Uma mordidinha

Uma mão
Outra mão
Um braço
Outro braço
Uma língua
Outra língua

Outra mordidinha

Um botão
Outro botão
Um zíper
Outro zíper
Uma lambida
Outra lambida

Outra, outra mordidinha

Uma calça
outra calça

UMA TREPADA SÓ!

Mário Cezar Silva Leite
Aproximo-me dos 58 anos, muito perto mesmo, e é como o Nano disse para a Ritaca: o tempo não passa, o tempo fica. Por isso envelhecemos! Porque o tempo fica em nós. Então, 58 tempos residem em mim. Nesses tempos inventei muita coisa, criei outras muitas e assim fiz o seguinte: sou professor universitário; pesquisador/crítico de literatura e culturas contemporâneas; gosto de pensar também questões de identidades; por fim, vou tentando instituir-me como escritor. Mas nada muito sério. De resto, tudo tá valendo!

Matheus Guménin Barreto
(1992-) é poeta e tradutor mato-grossense. É autor dos livros de poemas *A máquina de carregar nadas* (7Letras, 2017) e *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (Carlini & Caniato, 2018). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg (Alemanha). Encontram-se poemas seus no Brasil, na Espanha e em Portugal (Revista Cult, Escamandro, plaquete "Vozes, Versos", Mallarmargens, Palavra Comum e Diário de Cuiabá; entre outros), e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

Aquilo que me sou não me é nunca.
Pensando o que serei no escasso espaço
de mim, não sei se penso e sou aquilo
ou se, pensando, passa o tempo e passo

– se passo e já não sou o que pensara,
nem o que penso agora e que já passa.
Não sei se algum momento embosco aquele
que vejo ou se descubro-me sua caça.

corpo: que coisa será essa
a que servirá ou a quem, computará quem
os beijos que deu e dará e quem os tons
de carmim que já viu aos domingos e quem
os cachorros que lhe lamberam os dedos e quando
e quem computará as madrugadas e o branco que fazem
e quem
os sons que gestou na garganta e não disse e quem
o amor miúdo e bom que reina entre as paredes de um apartamento e quem
dirá a esse corpo que tudo
cedo ou tarde
não vai ter existido
na garganta faminta do tempo?

Como escrever um poema
enquanto a fome carcome um corpo a-
inda que um só corpo ainda que como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como escrever um poema como

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

ESPELHO

Os olhos que tocam o reflexo
Não tateiam os corpos que se desfazem
O sólido não se desmancha
O vapor não se condensa
O líquido não se petrifica
A natureza se mantém
Intocável em suas vestes imemoriais.

Os olhos, os corpos que se desenham nas imagens
Não são parte deste poema
Não são os glóbulos oculares tampouco a massa orgânica
Que me veste entre as Primaveras
É outra coisa que não pode ser.
Uma refração do que poderia
A crucificação de meu próprio corpo.

Água, chuva e pedra se refletem imóveis.

Inverossímil
O corpo que não toca
Não se toca
Não se mexe
Não abre o jogo
Não nascerá Dali
Nem mesmo um cacto
Nem mesmo uma nódoa
Nem mesmo uma flor.

As imagens permanecem em seus centros
Arraigadas em uma necessidade absoluta
De ser o que se projeta
Arco e flecha
Uma coisa pode ser outra coisa.

Girassóis antes mesmo de serem Girassóis são sementes
Alimentos para aves que sentem fome
Germes orgânicos que caem do bojo dos ventos que correm o mundo
Brotam e crescem pelas beiradas das estradas e das estrelas
Correm os olhos em velocidades noturnas
Nada lhe permitiu ser apenas uma flor
Nada está certo como profetizam.

Uma oração antes mesmo de ser proferida são palavras
Palavras antes mesmo de serem palavras são pensamentos
Estruturas linguísticas que podem ser poemas, cantos e confissões
Ainda que sejam enfadonhas, insalubres ou malditas
Cumprem a liberdade individual de serem o que querem.
Uma coisa pode ser outra coisa
E nada pode lhe dizer que não poderá
Nem mesmo o espelho.

A imobilidade me atormenta...

VERDE

O verde de cada folha,
de cada árvore,
de cada mata,
o verde de cada pasto,
em um imenso campo
que ao longe se achata;
O verde dos vales
extensos e ondulados,
dos caminhos
úmidos e molhados,
das veredas
estreitas e orvalhadas,
das chapadas
infindas e aplainadas;
O verde,
dos verdes mares,
das plantas dos pomares,
do semáforo aberto,
e numa esmaecida cor
de um arco íris por certo,
e bem naquele tom final
o verde de vários tons
de uma aurora boreal;
O verde em profusão,
das cores do verão,
realçadas,
ressaltadas
pela visão sublimada,
das cores de uma paixão;
O verde das águas profundas
acalmadas,
das margens dos rios
sombreadas,
das serras ao longe
entrecortadas;
o verde em todos os seus tons,
incontáveis multi tons
de inúmeros semitons;
O verde claro,
o bem escuro,
aquele meio cinzento,
verde de vários efeitos,
verde de todo o jeito
que se abstrai no pensamento;
O verde das plantas
depois das chuvas se abrindo,
o verde dos campos
no horizonte se indefinindo,
o verde das pedras preciosas,
jade, turmalina, esmeralda,
pedras tão valiosas
porque o verde as respalda;
O verde encanto,
no suave acalanto
do broto tímido que nasce,
do galho exuberante que cresce,
do tronco tão velho e escuro,
do fruto ainda não maduro;
O verde das pedras com limo,
da cerca viva que cheira,
do arbusto com espinho,
da delicada grama rasteira;
O verde que se mostra,
o verde que se abre,
que se aparece
e se insinua,
o verde que se sabe
verde tão belo,
verde tão lindo
em nuances tão nuas;
E os verdes que aguardam,
que tímidos esperam
com tanta ansiedade
a colorida chegada
da chuva e da primavera.
Um verde com a perfeição,
que só a imaginação
consegue realizar,
e pode idealizar
uma tal criação;

E todo esse verde,
a natureza não o criou,
realmente
não o fez,
pois simplesmente
ela o roubou,
do verde dos olhos teus.

Paulo Pitaluga
É historiador, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual foi Presidente. Autor de mais de 30 livros como, por exemplo, Índios Cuyabás, São Gonçalo Velho, Cuiabá, a Lontra Brilhante etc. Desde 1999, vem coordenando a série Publicações Avulsas, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, com 67 títulos publicados, abrangendo reedições de obras raras, documentos históricos e artigos difícil obtenção.

RESPALDO GARCIA, O HOMEM POESIA

Não esperava sentimento brotando daquele peito; Não aguardava carinhos daquela mão; Olhares daqueles olhos; Seu amor era natimorto.
Não esperava um centímetro de respiração, um gole de vida, um aperto de rosto, destes que fazem a cara jorrar lágrimas; o caminhar de mãos dadas também não poderia ser parido ali.
Os cantos dos pássaros não lhe entravam pelos ouvidos, e a súplica dos bebês por atenção lhe passava despercebidos.
Era um todo vazio de tudo que podia ser, e não era.
Era de um vazio tão opressor, que fazia inveja a matéria mais escura do universo mais distante. O frio crescia, segundo após segundo, de cada poro de sua pele azul, mortífero azul.
Respaldo Garcia não sabia, mas estava morto. Vivo, mas morto. Tinha ele sangue correndo pelo corpo, mas nem um pouco de poesia nas ventas. E sem isso, estamos todos fadados a ser exército da morte.
Sem a poesia, sem a poesia. Respaldo, um coitado homem, sem poesia, que nos é o sexo d'alma.

UM SONHO, UM FEL

Certa noite, Isabel se fez presente nos sonhos de Cássio.
Apareceu de cabelos compridos e pretos, ela que os tinha curtos e loiros.
Alta e de curvas sinuosas, nada parecia com a baixa e redonda Isabel.
Alegre, simpática, harmoniosa, querida e sorridente. O oposto da nefasta Isabel, aquela que destilava fel.
- Era um sonho rapaz, era apenas um sonho. Acorde calmo e sereno, não tenha medo. Isabel, a mãe dos seus filhos, aquela com que tu casaste, já morreu há muito. Agora, mora ela apenas em seus sonhos, disse Cássio a si mesmo, envolto em lágrimas de felicidade.

Rodrigo Maciel Meloni
Jornalista, ativista gay e estudioso da comunicação de massa, o escritor que já teve contos publicados em diversos blogs, sites mato-grossenses e nacionais, se aventura na publicação de seu livro de estreia: Coitado do homem cujos desejos dependem. Estudioso do underground cuiabano e aficionado pelas manifestações artísticas, já colaborou com diversos compositores de bandas do submundo cultural, assessorou festivais de cinema e exposições e colabora, sempre que pode, com a destruição do status quo.

ACALANTO

É sempre
no contra-argumento da solidão
que vem a minha estrela...

a mesma
[a fiel estrela]
com o mesmo incenso
quase um contrassenso
no meu ermo intenso...

e ela me diz em confidência
que a noite
é menor do que os seus mistérios
e que a claridade
que enleia os gorjeios da manhã
é maior do que
a insônia dos meus caprichos

firmo o olhar...

e no firmamento
dissolvo-me
em nova canção de ninar

e novamente
canto com a minha estrela...

Rubenio Marcelo
É poeta, compositor e crítico, membro efetivo e atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Cadeira nº 35) e membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Autor de 12 livros publicados e 3 CDs. Recentemente, lançou o livro "Palavras em Plenitude – prosa e crítica cultural", e o CD musical "Parcerias: na poética de Rubenio Marcelo". É um dos autores homenageados no livro "Vozes da Literatura" (FCMS), reunião de autores contemporâneos. Também advogado e revisor, reside em Campo Grande/MS.

EPITÁFIO

A caveira coroada em vermelho observa
vontade perversa de virar nesta curva
deixa que a linha reta encontre a noite turva
enquanto no planejado prego uma peça

Bruxas ecoam em Macbeth, você e mim
no final é e deveria ser assim
sem deixar de ser outra e pensar em você
sem deixar de fazer qual tinha de fazer

Que meu epitáfio registre este dia triste
que do nosso extraordinário se desiste
para estrelar no céu de sabe-se lá onde

Sob a terra funda o arrependimento esconde
digam vocês que fui sem olhar para trás
tendo vivido esta vida como me apraz

POSTSCRIPTUM

little did he know
that I died a little
tonight
that I'd die everytime
without
these violent
delights

I died I little
tonight

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

RESENHA LITERÁRIA

Lucinda Nogueira Persona
Professora, poeta, ocupante da cadeira no 4 da AML

PERSPECTIVAS DO AMOR

Das colinas cuiabanas ao Cerrado, do Cerrado ao Pantanal, olhos e corações se entrelaçam, dia a dia, numa fantástica e renovada contextura de nuvens. Evocar dados da identidade regional/universal e, neste caso, declarar o céu tão diversificado por nuvens, talvez seja um dos modos alvissareiros de ganhar o espaço da poesia, principalmente para os arautos de um novo livro. Foi lançado recentemente, pela Editora Entrelinhas, "Asas de Ícaro": Versos de Enamoramento e seus Antônimos, do poeta Ivens Cuiabano Scaff, também médico, professor e membro da Academia Mato-grossense de Letras, ocupando a cadeira número 7. Essa obra, menção seja feita, traz um primoroso prefácio do poeta e professor Aclyse de Mattos.

O título já nos convida ao vasto universo dos signos e, mesmo que sutilmente, torna perceptível a intenção temática. Ícaro, personagem da mitologia grega, fugiu do Labirinto de Creta, através de asas coladas com cera, que se derreteram à aproximação do sol, o que o fez cair no mar. Esse voo mitológico malogrado parece bem servir ao espectro no qual adejam os versos de "enamoramento e seus antônimos", porquanto é inerente a muitos amores elevarem-se às alturas e muitas vezes caírem por terra.

Quando a capa e depois as páginas iniciais de "Asas de Ícaro" se abrem, a sensação é a de se entrar num reino de querubins, tais são as ilustrações do artista plástico Adir Sodré, imagens que dinamizam potencialmente tudo o que possui existência aérea, ou então, do ar necessita. São anjos entrelaçados em flores, peixes, pombos, que tangenciam instâncias significativas do ser. Anjos anímicos, insurgindo-se no espaço físico da página e deflagrando emoções. Esses querubins se abraçam, dormem, sonham, revoam, dançam, suspiram, amam e sugerem, acima de tudo, perspectivas do amor.

O amor permeia a poesia desde sempre e tem sido uma constante na obra de um sem número de poetas. Dante Alighieri canta "O amor que move o sol, como as estrelas" e Carlos Drummond de Andrade louva "a magnitude" do verso de Dante na epígrafe de "Amar se aprende amando". Também em Fernando Pessoa é muito visível a faceta amorosa, sendo magistral quando diz: "O amor é uma companhia". Um outro exemplo da dimensão desse sentimento encontramos em Adélia Prado com "O sempre amor" cujos versos dizem: "Amor é a coisa mais alegre / amor é a coisa mais triste / amor é coisa que mais quero".

Através da produção de Ivens Scaff, vemos a poesia, uma vez mais, atendendo a esse tópico universal. Sendo o momento de referir que há vários fatores a considerar quando se trata dessa temática tão presente na lírica secular. Ana Santana Souza, num ensaio (Col. Mulher & Literatura, v. 2) traz pontos de interesse sobre a presença de Eros na escrita, quando diz: "O poeta é esse ser terceiro que fala de um outro lugar, o do amor. O sujeito amante é também um sujeito falante. A fala é o Eros que move o mundo, assim a poesia é um texto amoroso onde o sujeito define-se enquanto ser".

Certamente, isso é apenas um esboço para desdobramentos, restando frisar que um poema por si já é um ato de amor, podendo estar num "Passaporte", primeira composição de "Asas de Ícaro", processada nos labirintos íntimos do poeta, na contemplação afetuosa de um retrato. Ouve-se logo a mesma conjugação de afeto e poesia em "Pensares": "Com apreensão penso em ti / penso em nós / (folhas na tempestade). E o que são os amantes, senão "folhas na tempestade"?

Em termos gerais, chama a atenção o fato de a memória amorosa ocupar um espaço central nos "versos de enamoramento e seus antônimos", estando muitas vezes velada, essa memória, pelas sutilezas da lírica. Alguns poemas de Ivens Scaff materializam-se no gosto das singelezas básicas, a exemplo de "Ovo frito", um signo desenvolvido através de várias associações de grande efeito.

Escrevendo com vivacidade, humor e sábia utilização da bagagem sentimental, o poeta subverte adoçantes que possam saturar o tempero do poema amoroso. Os versos, breves em sua maioria, ostentam uma clara simplicidade léxica e trazem imagens que remetem a um histórico afetuoso do ontem e do agora. Nessa aventura lírica, o autor desvela uma "Beleza", confessa um "Labirinto", aponta um "Estranhamento" e lamenta um distanciamento em "Cada vez", aproximando-se de um conceito de felicidade no amor proposto por Thomas Mann, escolhido para epígrafe do livro.

Ivens Scaff, além de fiel ao próprio universo interior, capta e utiliza um conjunto expressivo das diversas circunstâncias do homem diante da vida e do amor, e diante ainda dos fatos e inquietudes que cruzam o percurso humano, seja nas dimensões da urbe ou do mundo. Depois do último poema, "Amor", ao encerrar o livro e fazendo jus ao caráter manhoso da poesia (afeita aos disfarces da voz que fala) o poeta deixa uma ardilosa pergunta que vale a pena analisar de perto.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

A ORIGEM DA MORTE

Aconteceu no 'tempo de antigamente', termo que indica um tempo que, por ser tão longínquo, não tem como contar, no entendimento dos Halotesu, Kithãulhu, Sawentesu, Wakalitesu, Niyahlosu, Siwaihsu e Hinkatesu, todos grupos da etnia Nambiquara do Cerrado. Aponta um tempo pretérito, fabuloso ou heroico, no qual existem seres e fatos que exprimem forças das vidas humana, sobrenatural, animal, vegetal.

Na aldeia, havia uma mulher velha, bem velha, de cabelos brancos, sem dentes em pele e osso. Vivia reclusa em sua casa, cansada. Sempre deitada, pensava no filho que saía diariamente para caçar e ao retornar não podia contar com suas tarefas de assar beiju de mandioca e preparar carne. Não aceitava sua condição de velhice. Decidida a mudar aquela situação, caminhou lentamente para a beira do córrego. Levou em seu cesto-cargueiro uma cuia de cabaça, sementes de urucum, colar e cinto de contas de coco tucum.

Quando chegou, ainda que muito cansada, arrancou sua pele enrugada, como se fosse uma roupa. Seus cabelos brancos e ressecados saíram junto à pele. Agachou-se, banhou-se com água que escorria da cuia de cabaça. Após o banho, a pele da mulher velha apareceu nova, seus cabelos negros e lisos ganharam vida como de menina-moça. Pintou seu corpo com tinta vermelha das sementes de ucucum, enfeitou-se com o colar e o cinto de contas pretas do coco tucum, a pérola negra do cerrado. A belezura da mulher vestia seu corpo. A mulher, nova e bonita, pendurou a pele velha em um arvoredo perto do córrego onde havia se banhado com a água encantada.

Quando voltou à aldeia, ensinou às mulheres velhas a trocarem de pele como a cobra e a lagartixa sabem fazer. Desse dia em diante, ninguém mais morreu. Recomendou às crianças que não mexessem na pele velha que estava esticada no arbusto, próxima ao córrego.

O filho da mulher, agora vestida de pele nova, ao voltar da caçada, surpreendeu-se ao encontrar sua mãe tão jovem e bonita a preparar beiju e a alimentar o fogo à espera da carne para cozimento. Enquanto isso, as crianças seguiram curiosas para a beira do córrego a procurar a pele velha da mulher nova. Com seus pequenos arcos de embira, arremessaram flechas de talo de buriti na pele velha.

A algazarra da meninada chegou aos ouvidos da mulher nova que saiu correndo para ver o que estava acontecendo. Tarde demais: encontrou sua pele velha toda perfurada. Ali mesmo chorou, chorou, chorou. Aquele choro comprido que costuma ser ouvido em cerimonias de falecimento. Chorou porque sabia que havia perdido a oportunidade de permanecer eternamente forte, jovem e bonita.

Logo depois da morte da pele velha da mulher apareceram a doença, a velhice, a morte. Indistintamente acometiam crianças, jovens e adultos. Até mesmo aquelas mulheres que trocaram de pele.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA